

A FIGURA DA MÃE DE JESUS E O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO: REFLEXÕES TEOLÓGICAS

Anderson Monteiro Araújo⁷
Augusto Lívio Nogueira de Morais⁸

RESUMO

O evangelho segundo João, junto com os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, forma os evangelhos canônicos. Eles surgiram, provavelmente, no final do século I. O escrito joanino é marcado por uma riqueza simbólica e uma profundidade teológica bastante significativa. Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo tecer uma reflexão teológica a partir da figura da Mãe de Jesus no evangelho em estudo. Para isso, utilizaremos os textos de Jo 2,1-12 e Jo 19,25-27 para subsidiar a construção da temática, uma vez que são os dois únicos momentos em que a Mãe de Jesus é mencionada na obra joanina e que estão em profunda relação entre si. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica, a análise hermenêutica dos textos e o método dedutivo para a apresentação dos resultados. No primeiro relato, conhecido como o evento das Bodas de Caná (Jo 2,1-12), a Mãe de Jesus é quem assume o protagonismo da cena. É ela que, movida pelo sentimento de compaixão, percebe a falta de vinho e procura o seu filho para que faça alguma coisa. Já a segunda aparição da Mãe de Jesus se dá no momento da crucificação do seu filho (Jo 19,25-27). Notadamente se percebe uma mudança de cenário, se num primeiro momento a presença de Maria acontecia diante de uma festa de casamento e a preocupação dela se dava pela falta do vinho, agora a realidade é totalmente diferente, a situação acontece perante o calvário. As premissas do sofrimento humano parecem mover o coração daquela que gestou o crucificado. Por fim, os eventos descritos pelo autor do quarto evangelho nos impelem a perceber a mãe de Jesus para além de uma proximidade familiar ou carnal, Maria é por excelência, mulher e mãe, porque reverbera uma atitude de fé primordial, se coloca entre Jesus e os seus discípulos, como discípula fiel, atenta e obediente às palavras do seu filho.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho. Mãe de Jesus. Discípula.

1 INTRODUÇÃO

O evangelho segundo João, assim como Marcos, Mateus e Lucas conhecidos pela tradição como sinóticos, formam os evangelhos canônicos, ambos surgem provavelmente no

⁷Graduando do curso de Teologia (FCRN), Graduado em Geografia (UERN). andersongeografia2@gmail.com.

⁸ Mestre em Teologia com concentração em Literatura Bíblica e Teológica - interpretações, pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Membro do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações da UNICAP e do Grupo de Pesquisa A Bíblia em Leitura Cristã da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professor de Teologia na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN) na área de Sagrada Escritura. profaugustolivio@gmail.com.

final do século I. Nesse sentido, alguns exegetas colocam o quarto evangelho como tendo sido escrito por volta dos anos 80-90, considerando o contexto histórico apresentado no escrito, evidenciando o confronto entre os discípulos e a sinagoga, numa tentativa de expulsão, gerando uma relação bastante conflituosa (cf. Jo 9,22). “Para a fé dos cristãos joaninos, a confusão, o desanimo e o fracasso foram uma dura provação. O evangelho se inscreve nessa situação; ele tenta reestruturar a fé enfraquecida das comunidades joaninas” (ZUMSTEIN, 2012, p.458-459). Quando se fala no lugar de composição do texto, é certo que o local teria sido um local da Ásia ou Síria Menor, tendo como redator final algum membro ligado à tradição do discípulo amado, que ocupa grande importância em todo evangelho (Jo 13,23-26; 19,25-27).

Feita uma breve contextualização histórica, é preciso ressaltar a originalidade e o novo paradigma que o evangelho joanino apresenta, a riqueza do seu simbolismo e a profundidade teológica interpelam um caminho de revelação e fé com características imprescindíveis para compreensão da obra. Uma das novidades, sem dúvidas, do quarto evangelho encontra-se na abertura à figura da mulher, considerando o contexto social e religioso da época em que o sistema patriarcal prevalecia, “parece não apenas um traço cultural, mas uma opção consciente. A maneira adequada com que João apresenta as personagens femininas leva a supor um papel ativo de mulheres na evangelização e na vida da comunidade” (KONINGS, 2005, p. 40).

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho envereda-se por tecer uma reflexão teológica sobre a figura da Mãe de Jesus no evangelho em estudo, buscando compreender sua relação no plano histórico-salvífico de Jesus. Para isso, utilizaremos Jo 2,1-12, episódio das bodas de Caná, e Jo 19,25-27, momento da crucificação, para subsidiar a construção da temática proposta.

2 A MÃE DE JESUS NAS BODAS DE CANÁ

A primeira aparição da Mãe de Jesus (modo pelo qual o evangelista chama a figura de Maria), acontece em Jo 2,1-12, no episódio conhecido como Bodas de Caná, ou o primeiro sinal de Jesus, autêntico escrito joanino, no qual quer mostrar que “não se trata de fato que diz respeito à narrativa de acontecimentos referentes à história, mas de importante verdade que diz respeito à fé” (MAGGI, 2013, p. 29). Vejamos o texto a seguir:

Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia, e achava-se ali a mãe de Jesus. Também foram convidados Jesus e os seus discípulos. Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: “Eles já não têm mais vinho”. Respondeu-lhe Jesus: “Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou”. Disse, então, sua mãe aos serventes: “Fazei o que ele vos disser”. (Jo 2,1-5)

O relato acima está inserido dentro da semana inaugural do ministério de Jesus (Jo 1,19–2,1-11). Faz-se necessário, nesse sentido, mencionar que a Mãe de Jesus estava presente entre os primeiros convidados da festa de casamento em Caná da Galiléia. Percebemos que a narrativa parte de um diálogo entre Jesus e sua Mãe, pois é ela que, assumindo o protagonismo da cena, movida pelo sentimento de compaixão e vendo as necessidades dos que estavam presentes, repara a falta de vinho e procura o seu filho para que faça alguma coisa. A respeito disso, Maggi (2013) nos ajuda a entender que

Todavia, nesse casamento falta o elemento mais importante, o vinho: “Não tem vinho!” (Jo 2,3) é a dramática constatação da mãe de Jesus. Não afirma que não há mais vinho, mas que nunca houve, e sem vinho não há núpcias. O vinho, expressão da alegria [...], é elemento indispensável no matrimônio, pois é o símbolo do amor entre os esposos (Ct 1,2; 7,10; 8,2). As núpcias sem vinho são o sinal de um matrimônio sem amor. (MAGGI, 2013, p. 30)

A partir daí encontra-se na narrativa a resposta imediata de Jesus “mulher, minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). É notório o caráter teológico presente, nessa afirmação bastante precisa, Jesus evidencia que ali não era o momento da sua manifestação enquanto Messias, uma vez que, para João, a hora verdadeira de Jesus se dá na cruz, em direção ao Pai. (Jo 12,23). Além disso, vale salientar a forma como que ele se dirige a sua Mãe, chamando-a de “Mulher”, para que ela de fato acreditasse nas suas palavras.

Nesse sentido, a mãe de Jesus é paradigma de obediência, fidelidade e entrega total à missão do seu filho, “faça tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5) representando assim a confiança total mesmo antes do sinal ser realizado. “As palavras da mãe de Jesus são as mesmas palavras do Faraó a propósito de José (Gn 41,55). Jesus apresenta-se, agora, como o novo José, aquele

que salva a vida de seus irmãos” (SILVA, 2020, p. 162) ficando evidente a profunda relação que o autor do evangelho de João apresenta com o Antigo Testamento.

Nesse interim, “a mãe de Jesus assume o lugar do povo de Israel, quando foi fiel ao seu compromisso. Subentende-se, nas palavras de Jesus, que a antiga aliança expirou e que o Messias vai inaugurar a nova aliança” (MARTINS, 2020, p.77). Cabe aqui destacar que com isso, ela assume perfeitamente a condição de discípula e interpela então aos serventes assumirem a mesma postura e atitude.

3 A MÃE DE JESUS JUNTO À CRUZ

Partindo dessa perspectiva, podemos encontrar no quarto evangelho um outro momento em que aparece a Mãe de Jesus, dessa vez junto ao discípulo amado e mais algumas outras mulheres (Jo 19,25-27), portanto, podendo ser entendido em profunda relação com o evento acima mencionado. Um dos pontos a ser destacado dessa relação pode ser vislumbrado a partir dos títulos dados à figura de Maria pelo autor do evangelho. Nota-se que nos dois episódios em que se constata sua presença, ela é apresentada como Mãe de Jesus, tanto em (Jo 2,1) quanto em (Jo 19,25), além disso, Jesus dirige-se em dois momentos chamando-a de Mulher, conforme (Jo 2,4; Jo 19,26).

Outro elemento apresentado por Martins (2020) é o caráter temporal verificável em ambos os episódios, “em Caná, Jesus diz a Maria que ainda não havia chegado a sua hora (Jo 2,4), que, entretanto, chegou no Calvário, onde Jesus passa deste mundo para o Pai (Jo 13,1 cf. Jo 19,27b): “E a partir daquela hora...” (MARTINS, 2020, p. 76). A hora, é assim um conceito significativo na teologia joanina, indica o cumprimento da missão de Jesus dentro de toda perspectiva do mistério pascal, coadunando para entendermos também o papel da figura da sua mãe nesses contextos, ela está presente no início e no fim da sua vida pública, aponta o caminho da salvação.

Esse momento acontece diante da crucificação do seu filho culminando na sua morte de Cruz. A narrativa de Jo 19,25-27, traz de início uma particularidade ao registrar a proximidade da Mãe de Jesus junto à cruz, o que difere daquilo que os evangelhos sinóticos apresentam (cf. Mt 27,55-56). Aqui, o discípulo amado também ganha um destaque importante, é ele quem está

ao lado da Mãe de Jesus (cf.19,26) juntamente com outras mulheres, Maria de Cleófas e Maria de Magdala indicando traços de solidariedade que convivem com a dor em um mesmo ambiente.

Notadamente, constatamos uma mudança de cenário e reações da Mãe de Jesus, se num primeiro momento a presença de Maria acontecia diante de uma festa de casamento e a preocupação dela se dava pela falta do vinho; agora, a realidade é totalmente diferente. A situação acontece perante o calvário, as premissas do sofrimento humano parecem mover o coração daquela que gestou “o crucificado”, “trata-se da mãe de um filho que está sendo assassinado por sofrer a pena capital após um julgamento sumário, cheio de contradições e motivações político-religiosas” (GRENZER, 2017, p.465). Diante de tal fato, Grenzer (2017) ainda acrescenta que:

Com isso, a “mãe” de Jesus (v. 25b-c) se encontra inserida em determinada comunidade. De certo modo, ela representa Israel e o povo judeu, e isso justamente no momento de ela sofrer, indescritivelmente, com as injustiças apoiadas pelas lideranças de seu próprio povo. Mas há quem lhe faça companhia: sua “irmã” (v. 25c), “Maria de Clopas [sic]” (v. 25d) e “Maria de Magdala” (v. 25e). (GRENZER, 2017, p. 468)

Nisso, a figura da Mãe de Jesus aponta um caminho para a vida, um agir que desponta sentimentos de amor, misericórdia e compaixão, representa na sua integridade “não só uma mãe que sofre pelo filho, mas uma discípula disposta a sofrer com o seu Mestre” (MAGGI, 2013, p.176).

A respeito disso, é válido ressaltar detalhes importantes que a narrativa apresenta. Antes da sua paixão, o redator descreve que, da cruz, Jesus olha para sua mãe, para o discípulo amado e as demais mulheres (Jo 19,26). O verbo “ver” na obra joanina é de extrema importância, implica ação e decisão, seja por parte dos discípulos/personagens, seja por parte de Jesus. Nesse contexto, entendemos a atuação por parte do Mestre, é ele que, ao olhar para sua mãe, entrega o discípulo, “Mulher, eis aí o teu filho” (Jo 19,26), e, em seguida, confia ao discípulo a sua mãe que o acolhe consigo, “Filho, eis aí tua mãe” (Jo 19,27). Esse episódio retrata o rosto amoroso do Pai, “a dinâmica do amor, a qual, de forma tão marcante, caracteriza o ensino e a prática de Jesus, ganha sua última concretude ‘junto à cruz’ (Jo 19,25)” (GRENZER, 2017, p. 470).

O texto nos leva a refletir uma atitude de acolhida por parte do discípulo amado, mas também da própria Mãe de Jesus, quando se mostram fieis às palavras de Jesus. “Ao ‘acolher’ a mãe de Jesus, ou seja, aquela que Jesus lhe ‘enviou’, o discípulo amado ‘acolhe’ o próprio Jesus e ‘aquele que o enviou’ (Jo 13,20; 5,43-44)” (GRENZER, 2017, p. 471). O gesto do discípulo amado interpela-nos a compreender também uma configuração eclesial, experiência fundante de uma igreja que nasce aos pés da cruz, tendo como protagonista a Mãe de Jesus. Maria é mãe, porque gerou o Cristo, mas também mulher, pois, pelo seu “Sim” (cf. Lc 1,38) se dispôs a contribuir na missão do povo de Deus, junto daquele que tem como característica principal a irradiação do amor de Cristo, o discípulo amado do evangelho joanino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas a partir da figura da Mãe de Jesus no evangelho de João, nos levam a perceber traços significativos que podem influenciar diretamente a vida das comunidades, mas também a práxis de todos os cristãos. A figura de Maria é carregada de profunda sensibilidade. Os eventos descritos pelo autor do quarto evangelho nos impelem a perceber a Mãe de Jesus para além de uma proximidade familiar ou carnal, Maria é por excelência, mulher e mãe, porque reverbera uma atitude de fé primordial, se coloca entre Jesus e os seus discípulos, como discipula fiel, atenta e obediente às palavras do seu filho.

O autor coloca a presença da figura da Mãe em dois momentos distintos, mas que estão em profunda relação num sentido estritamente teológico. Maria nas bodas de caná, evento descrito em Jo 2,1-11, é a imagem perfeita de uma mãe preocupada e atenta às realidades dos seus, percebe a falta de vinho e imediatamente procura aquele que poderia fazer alguma coisa. A falta do vinho era sinal da falta da alegria na festa, por isso a pressa da Mãe, que mesmo tendo sido advertida pelo filho de que não tinha chegado a sua hora, direciona o protagonismo do seu filho apontando o que é essencial ainda hoje “fazei aquilo que ele vos disser” (Jo 2,5).

Por fim, no momento da crucificação de Jesus, o discipulado da mãe ganha vitalidade, estando junto à cruz com o discípulo amado e algumas mulheres, o seu exemplo testemunha sinais de comunhão, ensinando aos discípulos e às discipulas de hoje viver as dificuldades e provações da missão. Outrossim, como mãe, sofre as dores ao ver o seu filho sendo morto

motivado por situações injustas de um sistema político-religioso perverso. Assim, a Mãe de Jesus neste evangelho é protótipo de uma igreja nascente aos pés da cruz. Acolhida pelo discípulo a quem Jesus amava, dá início a um novo projeto de comunidade, em que o amor e a acolhida são pontos chaves para viver fielmente o desejo do Messias, o crucificado.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada Ave Maria: edição de estudos.12. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2020

GRENZER, Martins. Convivências junto à cruz (Jo 19,25-27). **Atualidade Teológica.** Rio de Janeiro, v.21, n.57, p.458-475, set./dez., 2017.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João:** Amor e Fidelidade. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MAGGI, Alberto. **A Loucura de Deus:** o Cristo de João. São Paulo: Paulus, 2013.

MARTINS, Francisco Remi Nogueira. **Um caminho de revelação e de fé:** um estudo exegético-teológico de Jo 2,1-12. 2020. 98f. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia), Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2020.

SILVA, Nelson Maria Brechó da. A figura de Maria na festa de Caná em Jo 2,1-11. **Atualidade Teológica.** Rio de Janeiro, v.4, n.64, p.153-170, jan/abr, 2020

ZUMSTEIN, Jean. O evangelho segundo João. In:__. MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento:** história, escritura e teologia. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.